

# **COMO LIDAR COM A BIRRA DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS?**

## **HOW TO DEAL WITH TANTRUMS IN BABIES AND YOUNG CHILDREN?**



### **FABIANA MORAES FROES**

Graduação em Pedagogia pela Universidade de Guarulhos - UNG (2005); Pós Graduada em Educação Infantil pela Faculdade de Educação São Luís (2006); Orientadora de Estudo do Curso de Extensão Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa - PNAIC/UFUSCAR (2016) Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e Assistente de Diretor de Escola no Cei Vereador Jacob Salvador Zveibil, na Prefeitura Municipal de São Paulo.

### **RESUMO**

Esse artigo tem como objetivo compreender e entender o que leva bebês e crianças apresentarem comportamentos popularmente conhecido como birra. Na verdade, esses comportamentos são manifestação das frustrações frente às diversidades. São comportamentos fáceis de perceber, crianças jogando no chão de supermercado, lojas de brinquedos, padarias. Geralmente isso ocorre quando a criança é contrariada, ou quando recebe a palavra não.

**PALAVRAS-CHAVE:** Birra; Frustrações; Limites.

### **ABSTRACT**

The aim of this article is to understand why babies and children exhibit behaviors popularly known as tantrums. In reality, these behaviors are manifestations of frustration in the face of diversity. These behaviors are easy to spot: children throwing tantrums on the floor of supermarkets, toy stores and bakeries. This usually occurs when the child is contradicted, or when they are told no.

**KEYWORDS:** Tantrums; Frustrations; Limits.

## INTRODUÇÃO

A birra e as explosões de raiva são comuns entre as crianças pequenas, especialmente entre 1 e 3 anos, podendo se estender até os 6 em alguns casos. As crianças dessa idade, quando se veem diante de situações de frustração, se expressam jogando-se no chão chorando, agem dessa forma porque ainda não sabem como controlar seus sentimentos e como expressar que não gostam de algo.

Se perguntarmos para um grupo de pais sobre birra, todos com certeza já passaram com os filhos ou vivenciaram a birra ensurdecadora de uma criança em lojas, parques de diversões, sorveterias. Na verdade, pais e professores, se não vivenciaram situações como essas, certamente passarão por essa experiência.

Esquecendo, por agora, o volume destas birras, o desânimo e a impaciência que desperta nos pais, há um lado positivo destas “criancices”: no fundo, as birras são uma manifestação saudável das emoções, sentimentos, vontades e necessidades da pequenada. Afinal, estão a desenvolver a sua personalidade, só não sabem como expressar-se da melhor forma, porque nas suas mentes apenas querem satisfazer a necessidade do momento e muito rapidamente – nesta altura das suas vidas não têm qualquer outra preocupação ou entrave, se não a contestação dos pais.

## O QUE É BIRRA?

Segundo o dicionário Aurélio (1989) a birra seria: capricho, pertinácia, teima teimosia, antipatia ou aversão. Neste caso, se considerarmos a birra como um comportamento inadequado, poderemos admitir estudá-la e traçar estratégias para amenizar seus efeitos.

A birra é um comportamento que se observa quando a criança se vê em uma situação de frustração. "É uma resposta emocional intensa da criança a algo que a frustrou ou que ela pensa que vai frustrar. A birra pode envolver choro, gritos, se jogar no chão, ficar paralisado, ficar mudo, agredir-se, agredir, morder, unhar, urinar, parar de comer... enfim, um show de horrores para a maior parte dos pais", diz a psicóloga do Hospital São Camilo de São Paulo, Rita Calegari.

As reações variam de criança para criança, assim como a intensidade. A birra e as explosões emocionais como essas podem ser muito ou pouco frequentes, dependendo de cada indivíduo.

Para Winnicott (1994) a agressão tem dois significados. Por um lado, constitui direta ou indiretamente uma reação à frustração. Por outro lado, é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo.

Winnicott (1988) propõe então, outra perspectiva sobre a agressividade, que não é negativa. A agressividade faz parte da subjetividade humana, e é importante para proteger a si próprio. O bebê carrega uma grande capacidade para a destruição, portanto eles experienciam os sentimentos amor e ódio, que fazem parte desta construção do eu. Nesse aspecto, a criança ao ir se diferenciando do outro, vai passando a resistir à frustração, e a birra evidencia essa separação.

Assim entendendo fica mais fácil saber qual a forma correta de lidar, de responder tais comportamentos.

Durante as crises de birras é importante entender enquanto educadores e pais o que devemos fazer e o que não devemos fazer.

É importante nunca ceder às birras de uma criança. Muitos pais sentem -se culpados por trabalhar demais e não ter muito tempo ( em quantidade) com as crianças e com isso acaba cedendo aos comportamentos de birra. Outro fator bem comum visto no comportamento de alguns pais é a vergonha alheia. Quando vão a um supermercado com seus filhos e eles fazem birra, esses pais acabam cedendo com vergonha das pessoas verem o show que a criança está dando. Os pais devem ser firmes e saber onde querem chegar. Ao ceder aos ataques de birra dos filhos, ou no caso dos professores cederem aos comportamentos de birras dos alunos, vão passar a mensagem que as birras são normais e perfeitamente aceitáveis para as crianças obterem aquilo que desejam e, pior, dará asas a um ciclo vicioso que se tornará cada vez mais difícil de controlar e ultrapassar.

Um dos determinantes que desencadeia esse processo é o fato de que nos últimos tempos criou-se certa confusão entre os conceitos de impor limites e autoritarismo, dessa forma muitos pais hesitam em adotar medidas educativas mais rígidas com receio de “traumatizar” o filho, negligenciando a evidência de que uma educação baseada exclusivamente no “sim” jamais irá gerar resultados positivos. É necessário ensiná-los que birras não farão os pais mudarem de ideia e que existem outras formas para demonstrarem suas necessidades. Aos poucos, a criança irá compreender que existem limites e que seus pais também possuem seus próprios desejos e direitos.

Ao não conceder o desejo da criança estará a mostrar-lhe várias coisas: que existe um tempo para tudo, ou seja, não pode ter tudo aquilo que pretende, na hora que pretender; existem regras e limites que têm de ser respeitados sempre; tem de aprender a lidar com as suas próprias frustrações; tem de saber esperar pelas coisas que quer e que, a maior parte das vezes, terá de lutar para as conseguir.

Na assistência infantil verificamos que as crianças tendem a amar a coisa que agridem. A agressão faz parte integrante da vida da criança e a pergunta é: de que maneira o seu filho encontrará um método para dominar essas forças agressivas, colocando-as a serviço da tarefa de viver, amar, brincar e, finalmente, trabalhar? (WINNICOTT, 1994, p. 269).

Assim como saber quais os comportamentos que pais e professores devem não devem fazer, Tiba (2005) sugere alguns passos do que fazer ao presenciar ataques de birra com as crianças.

Deve manter a calma. Sabemos que não é fácil manter a serenidade no meio de uma sessão de birras, mas é o meio mais eficaz. Se fizermos o contrário, nossa postura irá contribuir com cenário, e não serão resolvidos os problemas. As crianças imitam facilmente o comportamento dos adultos, seja positivo ou negativo. Então resolver essas questões com calma e tranquilidade é um exemplo aos pequenos de como agir em meio aos conflitos e diversidades.

Atitudes como respirar fundo, falar baixo, não ceder aos nervos, ser claro e dar o bom exemplo, pode parecer, à primeira vista, um pouco desumano ignorar uma criança, mas no fundo, o que pretendemos é ignorar a birra – não responder à criança, não olhar para ela, não acuar o seu comportamento de forma alguma. Nas primeiras birras esta atitude pode não resultar em

efeito positivo, mas com o tempo vai aumentando a intensidade, usar esses comportamentos com regularidade, os resultados positivos irão aos poucos aparecer, pois, as birras vão acabar porque a criança vai perceber que não estão a surtir efeito.

Um comportamento errôneo é utilizar a força física com a criança. A birra em si já é tão “violenta” e descontrolada que bater na criança vai apenas incendiar um fogo que já está a arder e muito. Para além disso, as birras podem ter subjacentes outros cenários: cansaço, fome, stress, o que significa que o mais importante nesse momento é reconquistar a estabilidade.

Bater na criança pode resolver temporariamente o problema, mas é a receita ideal para criar monstrinhos no futuro. O que a criança aprende com a palmada? é enfrentando a birra que ela aprenderá a lidar com as frustrações. Quando a criança sofre uma agressão entende que a violência é a saída para resolver os conflitos! E começam a apresentar condutas agressivas em casa e na escola e a omiti-las por receio do castigo. Entretanto, um comportamento agressivo constante é sinal de que algo não vai bem, logo é preciso interpretar as entrelinhas desse comportamento: ciúmes, necessidade de atenção, carinho etc.

A criança precisa ter seu momento e seu tempo, é aconselhável deixar a criança sozinha. Se a birra ocorrer em casa ou noutra espaço familiar, experimente distanciar-se da criança, deixando-a sozinha durante alguns minutos ou segundos. Claro que uma criança zangada só pode fazer estragos, por isso, controle esse tempo conforme a sua idade – os especialistas apontam para um minuto para cada ano da criança (se a criança tiver 5 anos, não a deixe sozinha mais do que 5 minutos, por exemplo). É uma espécie de “castigo” que funciona muito bem porque, não tendo “audiência” a criança vai acabar por se acalmar mais rapidamente. No entanto, e para se salvaguardar de uma possível parte dois, só a deixe voltar quando estiver tranquila e em silêncio pelo menos durante 30 segundos seguidos.

Outro comportamento muito visto por pais e professores é ameaçar com castigos que não irão conseguir cumprir. Se optar por esta estratégia ameaçadora, mas sem consequências reais, a criança não terá problema algum em repetir a birra. Uma criança tem de estar ciente das consequências que possam advir das suas ações, boas e más. Da mesma forma que deve ser elogiada por ter arrumado o seu quarto ou brinquedos, tem de ser "castigada" se bater no irmão ou fizer uma birra. Uma das estratégias mais utilizadas com as crianças que fazem birras é colocá-las sentadas numa cadeira já designada para o efeito ou então numa esquina, de onde apenas podem sair quando a mãe ou pai disser. Ora, como detestam estar confinados, os pequenos normalmente acalmam-se rapidamente e, ansiosos para saírem da sua “prisão”, começam logo a pedir para sair com promessas de bom comportamento.

## **BIRRAS PERSISTENTES**

Como lidar com birras persistentes? Os pequenos têm muita energia para gastar, seus pulmões são verdadeiros sopranos e pilhas que parecem não ter prazo de vida, resultando em birras que não cessam e têm tendência para piorar. Nestes casos, é importante estabelecer contato físico

com a criança (colocar-se ao seu nível, abraçá-la, pegar nela ao colo), com o intuito de a acalmar, sem ceder ao seu pedido. Os adultos devem concentrar-se no seu estado emocional e não na sua exigência, falando com ela tranquilamente, de preferência sobre outras coisas. Felizmente, a fase das birras é isso mesmo, uma fase passageira.

Não ter forças suficientes para contrariar o filho é o mesmo que alimentar adolescentes rebeldes e adultos agressivos. Obviamente que, vale a pena ceder em alguns casos, desde que os pais estejam de acordo entre si, para não gerar inconsistência na resolução. Quando os pais aprendem a manter a firmeza e o autocontrole as birras vão diminuindo. Os filhos podem até insistir uma ou duas vezes, mas depois aprendem que teimosia não adianta e param de protagonizar a cena. E tão logo a criança esteja tranquila e disposta a dialogar, é importante parabenizá-la por ter mudado sua postura, e conversar francamente sobre as alternativas de comportamento mais adequadas, como por exemplo, antes de ir ao shopping, é aconselhável estabelecer as regrinhas sobre o que pode e o que não pode.

Os pais ou professores devem sempre observar a frequência e duração das crises de birras, o que fugir do rotineiro merece uma atenção dobrada e uma busca em conjunto do entendimento com psicólogos ou psicopedagogos. Boas conversas, sempre dão bons frutos. Ao término das birras, é importante conversar com a criança sobre o que se passou, o que estava certo e o que estava errado, explicar o porquê não pode voltar a acontecer. As consequências de uma futura birra e as consequências do bom comportamento.

A autodisciplina é ensinar a criança a controlar, positivamente, as situações em que se encontra. Uma vez conquistada, as birras desaparecem, quase como por magia.

Ensinar que tudo tem limites, significa ensinar regras de convivência saudável com a família e com a sociedade. Pais e professores que aprendem a dizer não com afetividade e convicção criam crianças emocionalmente estáveis e felizes.

## **ESTIGMATIZAÇÃO DA BIRRA**

A criança que apresenta comportamentos de birra, pode ainda sofrer com a estigmatização. O que nos conduz ao conceito de estigma que remonta à antiguidade grega. Naquela e em outras sociedades o sujeito estigmatizado possuía uma marca no corpo, de condição natural ou não, tal marca facilitava seu reconhecimento onde quer que ele fosse.

Os estigmas podem ser caracterizados por algum tipo de sinal corporal que evidencia alguma coisa de extraordinário ou abominável, sobre o status moral de quem o carrega (GOF-FMAN, 1980, p.11).

Cabe ainda lembrar que o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo

Temos, segundo o livro sagrado dos muçulmanos, o Alcorão (1977), o exemplo do castigo aplicado a um ladrão que caso fosse capturado tinha a mão direita cortada. Tal marca estigmatizante o acompanhará por toda a vida e onde quer que ele vá será apontado como ladrão. Aqui a criança



birrenta sempre será vista como mimada ou sem jeito.

Dependendo da relação da pessoa que cuida da criança, com os demais contextos em que convive, ela poderá ser vítima de adoecimento psíquico. Isso porque a incapacidade de lidar com os comportamentos tidos como inadequados poderão colocá-la numa situação depreciativa e fragilizada. Mas o vem a ser adoecimento psíquico? Através da leitura de (PEREIRA, 1990) pode-se dizer que o adoecimento psíquico é mais que um simples ficar doente. Ele nos mostra em seu livro que condições diversas como falta de moradia, de emprego, de relações amigáveis, etc.; podem trazer sensações de desconforto, de angústia, de desespero, etc. A pessoa passa a conviver com a sensação de medo e incerteza e por não saber de onde vêm tais sensações adoecer. Há casos em que pode até haver somatização da angústia. Vê-se que o adoecer psíquico é bem complexo, recheado de pormenores, mas extremamente comum e doloroso. Tanto a relação com o outro quanto às condições sociais em que a pessoa vive podem contribuir para tal situação. Vê-se aqui que não só a criança, mas todos os envolvidos em seu convívio diário estão sujeitos a sofrer com as consequências de comportamentos tidos como inadequados.

Para Silves (1995) ao atender um caso de criança com comportamentos de birra infantil, o terapeuta deve estender suas ações interventivas também à família da criança. Ela salienta a importância do treino de pais para estes casos. Pois não podemos considerar apenas a criança, mas todo o ambiente em que ela vive. Reforçando tal conduta temos:

O desenvolvimento das habilidades sociais educativas dos pais pode ajudar na prevenção de problemas de comportamento das crianças, visto que, como apontam diversos autores. (SILVA, PAIVA, BARBOSA, 2009).

Nesta direção, Romero (1995) afirma que famílias de crianças com problemas de comportamento são caracterizadas por maior desorganização, mais problemas emocionais ou de comunicação e apresentam comportamentos e modelos "indesejáveis" para o desenvolvimento social e cognitivo das crianças. Mais especificamente, tais famílias parecem estimular esses comportamentos por disciplina inconsistente, pouca interação positiva, pouco monitoramento e supervisão insuficiente das atividades das crianças

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A criança na fase dos 0 aos 3 anos está descobrindo o mundo, e dependendo das relações que estabelece com as pessoas que assumem os cuidados cotidianos dela servirá como exemplo para constituir seu eu. É nesta faixa etária que a criança começa a ter o entendimento dela separado de sua mãe. Nesse ensaio de se separar do outro de quem cuidou do bebê, surge à birra e agressividade

Vemos que nesta faixa etária que as crianças apresentam crises de birra. A birra sempre vem acompanhada de ataques de choro e demonstra sentimento de posse de algo e significa momentos de frustração. Neste momento a criança apresenta agressividade com quem está mais próximo, que cuida dela. Winnicott, nomeia esse processo como ambivalência amor e ódio.

É importante o educador e pais terem clareza do assunto para não terem atitudes agressivas ou pessimistas com as crianças, esses momentos de birra fazem parte do desenvolvimento infantil e saber como lidar com as crianças nessa fase o ajudará a resolver conflitos e frustrações posteriores, como o preparará para a vida em sociedade. A birra passa, é uma fase, como qualquer outra, um episódio natural e saudável, em que a forma como é tratada pelos responsáveis faz toda diferença na vida da criança.

Não podemos esquecer do olhar atento a todas as situações do dia a dia e entender as crianças em suas subjetividades. Muitas vezes o educador atribui birras e agressividades das crianças a sua convivência familiar. É bem verdade que a criança que vive em um ambiente hostil e negligente, dificilmente suas atitudes serão pacíficas. Portanto, se faz necessário uma leitura do educador para descobrir a manifestação da birra e saber como interferir. Se no ambiente escolar é “reforçado” o que a criança ouve em casa, enquanto educadores cooperamos para degradação da subjetividade do sujeito, que só saberemos as consequências em outras fases da vida dessa criança.

Ressaltamos a importância de formações continuadas para os educadores de educação infantil, sobre as questões urgentes, com as quais os profissionais de educação lidam diariamente, e que podem poupar de desgastes físicos e psicológicos, tanto a criança quanto o educador. O educador como a criança precisa se sentir acolhido, precisam ser ouvidos, precisam ser cuidados, para cuidarem bem das nossas crianças.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Mariza de Psicologia infantil – **birra Clínica de psicologia online**. Entrevista cedida pela psicóloga Marisa de Abreu; website: Agência digital, 2008; Marisa de Abreu. Disponível em: <http://www.marisapsicologa.com.br/psicologia-infantil.html>. Acesso 11 mar 2024.

CARVALHO, Adriana. **Como lidar com a birra -Educar para crescer**. Abril mídia, website : 21/09/2014 Disponível na <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/como-lidar-birra-702830.shtml>. Acesso 11 mar 2024.

CARVALHO, Adriana. **Como lidar com a birra das crianças -Pediatria em foco**. Pequeneda website: Fleet Digital. Acesso 11 mar 2024

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

LORCH, Dora. **Superdicas para educar bem o seu filho**. 1º edição, editora saraiva. São Paulo.2010

REGRA/Nalin, J.A.G. **O uso da fantasia como instrumento na psicoterapia infantil**. Temas em Psicologia, 1993.

TIBA, Içami. **Seja feliz, meu filho**. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

WINNICOTT, DONALD. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.